



REVISTA ELITE- ISSN: 2675-5718

Revista do GETEL-Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação, Inclusão e Libras

ESTRANGEIRIZAÇÃO E DOMESTICAÇÃO NA TRADUÇÃO DE LEGENDAS

EXTRANJIZACIÓN Y DOMESTICACIÓN EN LA TRADUCCIÓN DE SUBTÍTULOS

FOREIGNIZATION AND DOMESTICATION IN THE TRANSLATION OF SUBTITLES

271

Dorian da Silva Santana,
Graduada em Letras-Inglês (UNEB)
Especialista em Tradução e Revisão de Textos
em Língua Inglesa
(UNIMINAS)
E-mail: doriassantana@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho está inserido, no aspecto teórico, no campo dos Estudos de Tradução, mais especificamente, na linha de legendagem e dublagem. Discute os efeitos das estratégias de tradução denominadas estrangeirização e domesticação na tradução de legendas, levando-se em consideração as teorias de Lawrence Venuti (2002), Carolina Alfaro de Carvalho (2009), Marcel Martin (2005), dentre outros. Objetivou-se ressaltar a importância do tratamento dado às expressões culturais presentes nas legendas, atentando ainda para os possíveis fatores que levaram o tradutor a optar por determinada estratégia tradutória. Esta análise parte das hipóteses de que elementos culturais tendem a ser representados, guardando certa fidelidade com o texto original, ou adulterados, na produção das legendas. Diferenciais de poder desempenham um papel importante no contexto de representação cultural das legendas como prática cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura; Domesticação/ Estrangeirização; Tradução; Legendagem.

RESUMEN

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)



El presente trabajo se inserta, desde un aspecto teórico, en el campo de los Estudios de Traducción, más concretamente, en la línea de la subtitulación y el doblaje. Se discuten los efectos de las estrategias de traducción denominadas extranjerización y domesticación en la traducción de subtítulos, teniendo en cuenta las teorías de Lawrence Venuti (2002), Carolina Alfaro de Carvalho (2009), Marcel Martin (2005), entre otros. El objetivo fue resaltar la importancia del tratamiento que se da a las expresiones culturales presentes en los subtítulos, prestando atención también a los posibles factores que llevaron al traductor a optar por una determinada estrategia de traducción. Este análisis se basa en la hipótesis de que los elementos culturales tienden a ser representados, manteniendo cierta fidelidad con el texto original, o adulterados, en la producción de los subtítulos. Las diferencias de poder juegan un papel importante en el contexto de la representación cultural de los subtítulos como práctica cultural.

PALABRAS CLAVE: Cultura; Domesticación/Extranjerización; Traducción; Subtitulado.

ABSTRACT

The present work is inserted, from a theoretical aspect, in the field of Translation Studies, more specifically, in the line of subtitles and dubbing. It discusses the effects of translation strategies called foreigning and domestication on the translation of subtitles, considering the theories of Lawrence Venuti (2002), Carolina Alfaro de Carvalho (2009), Marcel Martin (2005), among others. The aim was to emphasize the importance of treating cultural expressions present in subtitles, also paying attention to the possible factors that led the translator to opt for a certain translation strategy. This analysis is based on the hypothesis that cultural elements tend to be represented, keeping a certain fidelity with the original text, or be adulterated in the production of subtitles. Power differentials play an important role in the context of cultural representation of subtitles as a cultural practice.

KEY-WORDS: Culture; Domestication/ Foreignizing; Translation; Subtitling.

1 INTRODUÇÃO

“A tradução é uma produção ativa de um texto que se assemelha com o texto original, mesmo assim o transforma” (VENUTI, 1996, p.112)

Durante o processo de tradução o tradutor tem o poder de escolher os métodos que irá utilizar além de tomar uma série de decisões que podem ser feitas de acordo com suas crenças, cultura e ideologia. Nesse contexto, tanto a tradução literária quando a tradução audiovisual cumpre o papel primordial no sentido de registrar desde costumes a grandes acontecimentos na sociedade,

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)



embora haja uma diferença óbvia entre as duas. O livro é feito para ser lido e o filme para ser visto e ouvido. A tradução de filmes pode ser por dublagem ou legendagem, e quando acompanhados das legendas, têm o papel de facilitar a compreensão.

O presente texto justifica-se mediante a observação de que mesmo com a presença de imagens, um filme ao ser traduzido sofre alterações significativas, no processo de legendagem. Do ponto de vista de Venuti (1995), os valores culturais inclusos em uma obra traduzida, muitas vezes, são omitidos ou têm seus significados trocados durante o processo de tradução, distanciando assim o leitor do objetivo que propunha o original e ainda fortalecendo a hegemonia que os países ricos exercem sobre os pobres; provocando, deste modo, a domesticação dos textos e apagando o que não convém aos padrões da cultura alvo, conseqüentemente, privando o leitor estrangeiro do contato com outra realidade.

As questões que se pretendem discutir envolvem a reflexão sobre a intervenção do tradutor no texto original. O objetivo é analisar os aspectos culturais presentes na tradução das legendas do filme “Cidade de Deus”, produzido em 2002, pela Editora Imagens Filmes. Faremos a comparação entre o original e a tradução para o Inglês, a fim de verificar se esta sofreu interferências estrangeirizadoras ou domesticadoras, durante o processo de tradução, assim como as implicações dessas técnicas tradutórias na obra assistida pelo público estrangeiro.

O critério para seleção considerou que as cenas deveriam conter situações e diálogos que mostrassem o dia a dia das favelas de forma efetiva. Os diálogos utilizados são falados em português, apresentando os dialetos próprios de quem vive nos morros do Rio de Janeiro e traduzidos para a linguagem escrita, em inglês. Foram considerados os aspectos exigidos no processo de legendagem como o tempo e número de caracteres que impõem ao tradutor, restrições de Sintaxe, Estilo e Léxico, segundo Carvalho (2005).

Procuramos verificar: a) se a tradução feita reflete um estudo prévio da cultura fonte e cultura alvo; b) como as traduções foram feitas, quais as estratégias utilizadas, domesticação, estrangeirização; c) se houve uma



transposição de significados ou se foi feita uma reformulação ou adaptação para tornar a tradução compreensível na língua alvo.

Para tanto foram utilizados os princípios teóricos do tradutor norte americano Lawrence Venuti, (1995) que desenvolveu pesquisas e projetos de tradução, assim como os de Carolina Alfaro Carvalho (2009), mestre em tradução pela PUC- Rio de Janeiro, entre outros. Verificaremos se o tradutor preservou aspectos culturais da língua fonte, durante o seu trabalho, estrangeirizando assim a tradução, ou se optou pela domesticação, omitindo a cultura do texto fonte, em detrimento da cultura alvo.

Quanto aos aspectos metodológicos, a deste trabalho se deu mediante a observação das legendas do filme, Cidade de Deus, comparando passagens que envolvem aspectos da cultura brasileira tais como diálogos e situações que mostram de forma efetiva o dia a dia na favela, com o intuito de contextualizar as comparações e investigar a relevância dos aspectos analisados para as comunidades meta e fonte.

A tradução é uma atividade complexa que exige não apenas a transposição linguística, mas também uma compreensão profunda das diferenças culturais e contextuais entre as línguas de origem e chegada. O tradutor deve estar atento ao sentido literal das palavras e ao significado cultural que elas carregam, considerando fatores como tempo, distância e diferenças culturais, que impactam a recepção do texto.

Nesse processo, o tradutor atua como mediador entre duas culturas, recriando a expressão de um autor dentro de um novo contexto. A tradução, portanto, vai além da simples transferência de palavras, sendo uma recriação estética que provoca efeitos emocionais e intelectuais no público, com o objetivo de articular sentimentos e provocar reflexões, incitando uma ação transformadora ou reposicionando o leitor frente ao mundo.

2 A INFLUÊNCIA DA CULTURA E A FORMAÇÃO DE IDENTIDADES NA TRADUÇÃO

Traduzir é uma atividade que exige a máxima proficiência, conhecimento especializado e sensibilidade do tradutor, pois, ao iniciar o trabalho de



decodificar, interpretar e recodificar um texto da língua de origem para a de chegada, é preciso levar em consideração uma série de fatores que dificultam esta tarefa. Entre eles estão o tempo, a distância e as diferenças culturais.

Ao pensar em fazer tradução, o tradutor deve levar em conta os sentidos que o autor atribuiu e o contexto a ser traduzido, por estar representando uma expressão verbalizada de um sujeito tal como é percebida enquanto leitor e recriando-a para a leitura dentro de outra cultura, onde, ao ser decodificada, deverá produzir um resultado estético, que articula sentimentos, provocando um efeito que vai do fluir artístico à incitação, à ação transformadora, ou de reposicionamento com o mundo.

O tradutor deve estar atento para não se limitar apenas a transferir, supostamente, significados de uma língua para outra sem reproduzir as intenções do autor, sem aparecer ou misturar-se a eles. Nesse contexto, o trabalho do tradutor torna-se ainda mais complexo, e não sendo bem realizado, pode provocar a supervalorização da cultura de partida em relação a cultura de chegada.

Embora o leitor espere que o texto traduzido não contenha marcas do processo tradutório, tornando-se transparente, Lawrence Venuti (1995) afirma que a fluência exigida pelo leitor provoca a invisibilidade do tradutor. Em contrapartida ele propõe, uma prática tradutória que resista à fluência, havendo desta forma uma visibilidade intencional, pois para este autor, a tradução deve ser vista como algo que soe estrangeiro ao leitor, tornando visível a intervenção do tradutor. Deste modo, o leitor não será simplesmente um receptor passivo que decodifica os significados contidos no texto que lê, mas passa a se conscientizar de sua interferência autoral.

Segundo Agra (2007), ao fazer um trabalho de tradução, o tradutor deve estar atento aos sentidos culturais que a tradução constrói, atentando-se para a visão dos indivíduos, sempre caminhando pelas faces da língua e da cultura visando à formação de identidades culturais. A autora considera a língua fundamental, por ser o 'coração' da cultura e que é através dela que se reconhece e experimenta certos aspectos que estão por trás da produção e recepção do texto de partida e do texto de chegada.



Já para Venuti (1995), as identidades culturais surgem de acordo com os interesses domésticos porque, ao mesmo tempo em que a tradução constrói uma representação doméstica para o texto, ela também constrói um sujeito.

Venuti (1995) defende a ideia de que a língua não é simplesmente um instrumento de comunicação e que ao circular entre diferentes comunidades culturais, essas formas posicionam-se hierarquicamente tornando-se um lugar de relações de poder.

A língua não produz apenas comunicação, mas, através da tradução pode contribuir para a evolução da sociedade introduzindo novos conceitos que possibilitam conhecer outras culturas. Este é um aspecto, entre muitos, que deve ser levado em consideração, porque no processo de traduzir estão envolvidas a cultura de chegada, a de partida e a do tradutor. Sendo assim, a tradução deve constituir uma interpretação que negocie diferenças linguísticas e culturais, tornando o texto compreensível, na cultura de chegada.

Campos (1986) destaca que a tradução, enquanto passagem de um texto de uma língua para outra, por vezes, está relacionada ao léxico, às vezes à sintaxe, outras vezes, à morfologia da língua que se está traduzindo e da língua para a qual se está traduzindo. O autor defende, também, que nenhuma tradução pode ter a pretensão de substituir o texto original, pois é apenas uma tentativa de recriação dele, e sempre poderão ser feitas outras tentativas, uma vez que, a tradução tem o poder de formar identidades culturais, reafirmar e desfazer estereótipos, modelar imagens, que podem variar confirmando ou interrogando valores, aos quais a cultura possa estar sujeita. Como assevera Campos:

Não se traduz afinal de uma língua para outra, e sim de uma cultura para outra; a tradução requer assim, do tradutor qualificado, um repositório de conhecimentos gerais, de cultura geral, que cada profissional irá aos poucos ampliando e aperfeiçoando de acordo com os interesses do setor a que se destine o seu trabalho. (Campos, 1986, p. 27- 28).

Na tradução, a cultura é, num sentido mais amplo, o lugar do conhecimento e permite que haja uma relação de equivalência interlíngua entre as duas culturas, provocando deste modo o desenvolvimento pessoal, cultural, linguístico e intelectual dos sujeitos atuantes nas formações culturais.



Na opinião de Venuti (2002), a reescrita de um texto em literaturas e dialetos domésticos sempre é a escolha de certos valores, e seu efeito produz a formação de identidades culturais, exercendo um grande poder de representação das culturas estrangeiras. De acordo com o autor (Venuti, 2002, p. 129-131), “a escolha calculada de um texto pode mudar ou consolidar cânones literários, paradigmas conceituais, metodologias de pesquisa, técnicas clínicas e práticas comerciais na cultura domesticada”.

Mona Baker (1992) afirma que há dois traços característicos que apontam para o comportamento linguístico e cultural quando estamos traduzindo. O primeiro é que o texto traduzido está articulado em uma língua diferente; o segundo, o tradutor sabe que o texto traduzido tem posição diferente das outras produções quanto à sua recepção.

De acordo com Baker (1992) esse contexto de recepção é fundamental pois leva o tradutor a utilizar certas características da língua alvo tendendo a exagerá-las, praticando o conservadorismo linguístico. Isto se deve, segundo Baker (1998, p.45), ao fato de o tradutor, de forma quase instintiva, responde à percepção que tem do texto que está produzindo.

A questão da identidade, como coloca Baker (1992), está intrinsecamente ligada à língua. A língua não é apenas um meio de comunicação, mas também uma ferramenta de construção e contestação das identidades sociais e políticas. Isso implica que, ao traduzir, o tradutor não apenas transfere informações, mas também, em um nível mais profundo, negocia a identidade cultural e linguística entre os diferentes contextos. O tradutor, portanto, não atua como uma mera "ponte" entre duas línguas, mas como um agente que, consciente ou inconscientemente, escolhe como essas identidades serão representadas no texto final.

O processo de tradução se dá, então, não só em uma troca de palavras ou significados, mas em uma negociação de valores, visões de mundo e identidades. A língua, com seus usos, significados e estruturas, é fundamental na maneira como as pessoas constroem suas identidades dentro de uma sociedade, e essa construção pode ser refletida ou até modificada durante o ato tradutório.



O texto traduzido exerce uma influência direta sobre a cultura à qual está endereçado e o papel do tradutor é deixar claro, para o leitor, que o texto é estrangeiro. Para isso o tradutor pode recorrer, entre outras, à estratégia de estrangeirização e ou se preferir a domesticação, cujos conceitos serão abordados na próxima seção.

3 ESTRANGEIRIZAÇÃO X DOMESTICAÇÃO

Venuti (1995, p. 112) escreve que: “A tradução é uma produção ativa que se assemelha ao texto original, mas que mesmo assim o transforma”. O texto traduzido sofre inevitavelmente intervenções por parte do tradutor e, durante o processo de transformação, cabe ao mesmo manter as marcas da origem do texto, permitindo que o leitor perceba que o texto é estrangeiro. Esse método tradutório, conhecido como estrangeirização aparece em oposição à domesticação, e seus pressupostos são defendidos por teóricos como Venuti (1995).

De acordo com o autor supracitado, uma tradução é domesticada quando procura apagar as opacidades geradas pela diferença entre as culturas e línguas em contato, para tornar a leitura mais fluente e de certa forma facilitá-la. A domesticação transmite, de forma ilusória, a preservação da intenção do autor original.

Venuti (1995) critica esta estratégia, embora considere que a tradução realiza inevitavelmente um processo de domesticação por estar na língua ‘doméstica’ e o autor demonstra certa gradação na tradução. O autor considera que a ideia de domesticação é usada para garantir que o texto traduzido seja transparente, soe natural e fluente sem demonstrar ser uma tradução. Como ele próprio explica:

Uma tradução é considerada aceitável (por redatores, revisores e leitores) quando a sua leitura é fluente, quando há ausência de quaisquer passagens estranhas. Construções não idiomáticas ou significados confusos transmitem a sensação de que a tradução reflete a personalidade ou a intenção do autor estrangeiro, ou o significado essencial do texto original (Venuti, 1995, p. 111).

A tradução domesticadora constitui mais um instrumento de dominação da cultura, e podemos compreender que as mudanças no âmbito da tradução



respondem às cargas de poder construídas por modelos socioculturais ditos superiores. Essas estratégias buscam entender as tramas mercadológicas que apagam e reduzem modelos socioculturais não convenientes aos padrões da cultura de chegada, o que impossibilita ao leitor estrangeiro fazer uma avaliação e interpretação diferentes das que são obtidas na cultura estrangeira. Essa estratégia tem o papel de reforçar valores culturais, porque não permite que a diferença presente nos textos estrangeiros seja transmitida ao texto traduzido. Este modelo defende, também, que o tradutor, enquanto mediador do intercâmbio cultural, não deve explorar apenas valores estrangeiros, mas, também, desencadear mudanças nas perspectivas domésticas, contribuindo para o enfraquecimento, de forma positiva, das fronteiras culturais.

Proposta por Venuti (1995), a estrangeirização surgiu como uma alternativa à tradução domesticada a serviço do poder político. Para esse autor, o objetivo da estratégia de estrangeirização é que as traduções sejam lidas como tais, com suas peculiaridades, e que a transparência seja vista como um efeito discursivo, sem mistério. Ele defende que o tradutor deve trazer o leitor para perto do texto original e não o domesticar para que fique mais 'fácil' para o leitor.

A estrangeirização permite que a diferença seja transmitida e que a identidade seja preservada, mesmo com limitações. Para Venuti (1995, p.20), a tradução com esse tipo de estratégia é uma forma de resistência contra “o etnocentrismo, o racismo, imperialismo e o narcisismo cultural em favor dos interesses das relações geopolíticas democráticas”.

Diferentemente da domesticação, a estrangeirização não restringe a escolha de palavras e expressões a serem usadas, mas se aplica a textos a serem traduzidos. Como sugere Venuti (1995, p. 148), o tradutor deve escolher um texto que, por si só, desafie a literatura da língua meta, considerando a tradução estrangeirizadora como uma prática cultural que se associa a valores linguísticos e literários.

Visto que a tradução se tornou uma atividade comum e está presente em vários contextos, a seguir será apresentada uma breve concepção sobre a tradução audiovisual, o trabalho de legendagem e seus principais aspectos.

4 A TRADUÇÃO PARA LEGENDAS

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)



A tradução audiovisual (TAV¹) é defendida por Carvalho (2005) como um conjunto de práticas que envolvem a tradução oral e escrita de programas e filmes de formatos variados como séries de televisão, desenhos animados, novelas, VHS², DVD³, entre outros, e que ao serem distribuídos são passados para a língua alvo por meio da dublagem ou legendagem.

Na legendagem, um fator de grande importância é o equilíbrio entre imagem, tempo de fala e o texto traduzido, pois, é preciso que haja sincronia para uma melhor eficácia. Sendo assim, a legenda envolve a transformação de um código oral, original, para outro, o escrito.

Além dos aspectos linguísticos e textuais, a tradução audiovisual é afetada por outros fatores que podem influenciar no resultado, daí a importância de se ter equilíbrio entre imagem, tempo de fala e texto; controlar o volume do texto, considerando o tempo de fala na tela; os aspectos técnicos, marcações, pausas e cortes de roteiro; e saber qual o papel dos profissionais envolvidos.

De acordo com profissionais da área, normalmente emprega-se no máximo duas linhas de legenda, o número máximo de caracteres varia conforme o meio, estabelecendo-se uma razão entre o tempo e o número máximo de caracteres.

Algumas traduções para legenda provocam certo incômodo em determinados telespectadores, por não conter expressões linguísticas utilizadas em sua língua materna, ou por trazerem perdas de informações evidentes. Em função disso, as legendas são julgadas como certas ou erradas, e é em decorrência desse fato que Carvalho argumenta:

O principal foco das atenções de pesquisadores e críticos é a tradução dos produtos que foram distribuídos ao público de sua cultura de origem, na qual ganha mais visibilidade por destinar-se ao público consumidor na cultura alvo (Carvalho, 2005, p. 23).

¹ De acordo com Cintas (2005), a tradução audiovisual tem sido sistematicamente estudada por acadêmicos e profissionais da área desde a década de 90. Desde então, diferentes nomenclaturas têm sido propostas: tradução para tela (*screen translation*), tradução de multimídia (*multimedia translation*) e tradução multidimensional (*multidimensional translation*). Neste trabalho, adotaremos o termo tradução audiovisual por ser o mais utilizado neste campo da tradução. ² VHS - é a sigla para Vídeo Home System (Sistema Vídeo Caseiro). Um sistema de gravação de áudio e vídeo inventado pela JVC que foi lançado em 1976. ³ DVD é um formato de armazenamento de disco óptico, inventado e desenvolvido pela Philips, Sony, Toshiba e Panasonic em 1995. É usado principalmente para armazenamento de vídeo e áudio.



Ainda segundo a autora, esse tipo de tradução ocorre no estágio de pós-produção ou ainda na cultura de origem, ou pela cultura receptora.

Carvalho (2005) afirma que as legendas são denominadas diagonais, pois, envolvem a transformação de códigos e estão subordinadas a diferentes sistemas (semióticos verbais ou não, acústicos e visuais). Apoiando-se na ideia de que a fala é uma redundância da imagem, os tradutores, ao parafrasearem, baseiam-se em formas mais compactas, omitindo determinadas informações, pois o que está implicitamente informado numa imagem, num gesto ou ilustração, não precisa aparecer ou ser repetido na legenda.

Sendo assim, o papel do tradutor na prática da legendagem é proporcionar uma legenda eficiente para o telespectador, reduzindo as falas ao máximo, mas, conseguindo transmitir a mensagem. Sendo assim, o profissional estará constantemente sendo julgado por suas escolhas.

O tradutor precisa ainda escolher os fundamentos básicos do sistema com os quais interage. Ele precisa saber lidar com as normas referentes à modalidade de tradução, nesse caso, para legenda, que possui regras particulares estabelecidas ao longo do tempo.

Por esse motivo, o tradutor de legendas não pode ser visto apenas como alguém que realiza uma tarefa mecânica de transposição linguística. Ele precisa se constituir como um pesquisador, alguém que está sempre atento às transformações do contexto em que trabalha. As normas de legendagem — como o tempo máximo de exibição de uma legenda, a segmentação das falas ou a adaptação de expressões idiomáticas — são frequentemente revistas, especialmente com o advento de novas plataformas de streaming, que possuem exigências específicas de formatação, ou com a popularização de novos dispositivos e formas de interação com o conteúdo, como os recursos de áudio-descrição ou as Legendas para Surdos e Ensurdidos (LSE) (Chagar, 2016; Diaz Cintas; Rivera, 2003).

A exigência de constante atualização e reflexão no campo da tradução de legendas implica que o tradutor se constitua também como um pesquisador. A natureza dinâmica da prática tradutória significa que as normas de legendagem não são fixas, mas evoluem com o tempo, refletindo mudanças nas



necessidades do público e nas formas de consumo de mídia. Novos desafios surgem, por exemplo, quando o tradutor precisa lidar com expressões idiomáticas contemporâneas, neologismos ou mesmo com a adaptação de conteúdos para públicos com diferentes necessidades, como surdos e ensurdecidos (LSE). Além disso, a introdução de novas ferramentas de tradução assistida por computador (CAT tools) e o uso crescente da inteligência artificial (IA) no campo da tradução tornam necessário que o tradutor desenvolva uma postura de pesquisa contínua, buscando compreender não apenas as novas tecnologias, mas também as implicações culturais dessas inovações (Diaz Cintas, 2012; Bolton, 2006).

A prática da tradução de legendas, portanto, não se limita à transposição de palavras de uma língua para outra, mas envolve um processo criativo e crítico que exige uma compreensão profunda do contexto cultural e das expectativas do público. Nesse sentido, o tradutor de legendas deve estar sempre aberto à aprendizagem e à reflexão, com o objetivo de aprimorar suas habilidades técnicas e sua capacidade de compreender as dinâmicas sociais e culturais em constante transformação. Como argumenta Pym (2010), o tradutor é um "mediador cultural" que deve buscar, não apenas a fidelidade linguística, mas a fidelidade ao contexto e à experiência do público, de forma a proporcionar uma comunicação eficaz e acessível. Dessa forma, o tradutor de legendas se insere em um processo de formação contínua, no qual a pesquisa e o questionamento são fundamentais para sua adaptação e crescimento profissional.

Carvalho (2005) argumenta que o objetivo das legendas é facilitar a compreensão do que está sendo dito e desviar a atenção do espectador, das imagens e dos sons. Por esse motivo precisam ser breves para que estas possam ser lidas ao mesmo tempo em que a linguagem oral é pronunciada, e não chame a atenção mais que o necessário.

Embora teóricos como Venuti (1995) e outros, critiquem a invisibilidade do tradutor, cuja intervenção não é percebida pelo leitor, as legendas, mesmo que desejem passar despercebidas, são visíveis por natureza, e o tradutor não é ignorado pelo espectador. Esse tipo de tradução dificilmente será visto como original, pois, as legendas não representam e nem substituem integralmente o produto original.



A legendagem ‘dá a impressão de ser uma tradução’, e como afirma Diaz Cintas:

Não existe nenhuma tradição (não teria sentido) de criação de legendas por si só, na língua-fonte, independentes do produto externo ao polissistema. As legendas só têm razão de ser enquanto elementos secundários e, por isso, é difícil abstrair quais são ou deveriam ser as características próprias ou intrínsecas das legendas independentes dos filmes (Diaz-Cintas, 1997, p. 149, *apud* Carvalho, 2005, p. 98).

As legendas tornam-se pouco compreensíveis quando não têm o acompanhamento das imagens. Além disso, para se obter bons resultados nesse tipo de tradução, é preciso, entre outros aspectos, ter uma boa formação literária, conhecimento de linguística e fluência na escrita.

Portanto, Carvalho (2005, p. 97) escreve: “é fundamental que o tradutor conheça o processo e a posição em que está inserido, as finalidades da tradução, os interesses dos clientes, o meio e o público-alvo”.

Outra modalidade de tradução bastante utilizada é a dublagem, que assim como a legendagem, está presente na maioria dos filmes. A seguir será apresentada uma breve comparação entre a legendagem e a dublagem, bem como alguns aspectos desta última, que julgamos importante para este trabalho.

5 LEGENDAGEM X DUBLAGEM

Assim como a legendagem, a dublagem é outra modalidade de tradução bastante utilizada no Brasil e em outros países. Porém, na dublagem, o movimento labial e a interpretação dos atores é que são levados em consideração.

Carvalho (2005, p. 94) afirma que “a dublagem consiste em substituir os canais de áudio correspondentes aos diálogos pronunciados em língua estrangeira, gravados por atores chamados dubladores da cultura de chegada”. Segundo a autora, estes autores baseiam-se numa tradução feita de modo que a pronúncia das palavras na língua alvo fique sincronizada com os movimentos labiais das personagens.

Diferente da legendagem, na qual o som original é mantido e os enunciados aparecem por escrito na parte inferior da tela, havendo uma



sincronia com as falas, na dublagem, a sincronia está no visual, pois o telespectador espera que os movimentos labiais e as falas passem a impressão de que os personagens estão falando em seu próprio idioma. Essas e outras diferenças causam algumas divergências e a dublagem é criticada por privar o espectador do texto original e da voz real dos atores.

Essa crítica ainda é mais forte quando a parte vocal é um componente importante no filme. Sem o acesso ao texto original, as alterações feitas pelo sistema de chegada não podem ser controladas e, muitas vezes, alguns aspectos são modificados, como linguagem de baixo calão, expressões sexuais ou obscenas de determinados grupos sociais, que são excluídos ou minimizados (Carvalho, 2005, p. 94-95).

Algumas das consideradas vantagens da dublagem originam-se do mesmo fato de que ela substitui os diálogos originais. Carvalho afirma que:

Em sociedades não hegemônicas culturalmente, considera-se que a dublagem reduz a penetração de línguas e valores culturais de sistemas estrangeiros dominantes através dos meios audiovisuais, além de valorizar a língua doméstica. Ela também permite o acesso ao produto de parcelas não alfabetizadas da população, sendo vista como mais “democrática” do que a legendagem (Carvalho, 2005, p. 95).

Embora a comparação entre a legendagem e a dublagem denote algumas vantagens e desvantagens, a autora argumenta que “se por um lado a legendagem preserva sons, vozes e desempenhos interpretativos do material original, por outro facilita o domínio cultural de sistemas estrangeiros, hegemônicos, além de demandar maior esforço cognitivo”. Já a dublagem é por muitos preferida para a programação de canais de televisão, por não exigir tanta concentração. A maioria dos telespectadores dividem a atenção dedicada à televisão com outras atividades. A dublagem é recomendada para programas em que as informações são mais importantes, como as notícias e documentários, pois, estes trazem muitos dados visuais e verbais. Assim, o espectador não terá que esforçar-se cognitivamente para ler as legendas (Carvalho, 2005, p. 96).

6 A LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA



A sociedade contemporânea apresenta uma enorme quantidade de produtos cinematográficos, uma arte que devora os meios que o cercam como teatro, literatura, pintura e fotografia, levando o espectador a abrir novos caminhos culturais. Na era dominada pela imagem, milhares de pessoas frequentam o cinema, assistem e escutam diferentes formas na relação som-imagem, e através da visão vivenciam emoções, pensamentos e acontecimentos ao mesmo tempo em que aprendem essa nova linguagem rica e colorida dos gestos.

A história do cinema pode ser contada a partir de David Griffith, nos anos de 1910, considerado pai da linguagem cinematográfica, usou elementos do teatro para compor o primeiro longa-metragem chamado “O nascimento das nações”. Na época, filmes como este traziam ações simultâneas, sem enfoque ou expressões claras, o que incentivou o cinema a buscar bases para a criação de uma linguagem visual e de movimento, nunca vista antes pelo espectador contemporâneo. A linguagem clássica, que impera nos dias de hoje, estabelece a ordem dessas ações, permitindo uma melhor utilização dos recursos e técnicas cinematográficas até os dias de hoje.

Na década seguinte, o cinema adquire aspectos da vanguarda e inicia a exploração de situações consideradas absurdas e invertidas. Nos anos 60, filmes com abordagens artísticas ganham mais espaço e o cinema clássico torna-se mais desinteressante. Nesse mesmo período, surge simultaneamente na França e no Brasil o Cinema Novo. Em nosso país Glauber Rocha foi o principal expoente. A maioria de seus filmes, no entanto, revela um predomínio do plano-sequência nos quais, ao invés de serem divididos em cenas e diversos planos, é feita numa única tomada. Isso levou Marcel Martin, ensaísta francês, a pensar na transformação do cinema, o que começou com a desdramatização praticada por Michelangelo Antonioni, nos anos de 1950, e o aparecimento da câmera móvel.

Em 1955, Marcel Martin lança seu livro intitulado ‘*A linguagem cinematográfica*’, o qual pode ser um ponto de referência para delimitar a concepção de linguagem cinematográfica, pois este autor afirma que esta se formou historicamente a partir das contribuições de S. M. Eisenstein e David W. Griffith. Em sua obra são apresentados vários elementos que constituem essa linguagem, dentre os quais estão: a) a imagem fílmica, considerada elemento



base; b) a câmera; c) elementos filmicos não específicos, que inclui iluminação, figurino, cenário, cor, etc; d) as elipses, que é a obtenção dos recursos visuais; e) ligações e transições; f) metáforas e símbolos; g) a montagem, cujo objetivo é ordenar as cenas para facilitar o entendimento do que é narrado; entre outros elementos que têm papel fundamental e estão presente em todo trabalho cinematográfico.

Entre os elementos apresentados, as mudanças no uso da câmera foi o de maior destaque. Ismail Xavier (1983) em sua obra '*A experiência do cinema*', afirma que a novidade histórica do cinema está exatamente nas novas formas de expressão proporcionados pela mobilidade da câmera, pois esta mostra novas imagens e ângulos que mudam o tempo todo. Esse movimento leva o espectador para 'dentro' do filme, permitindo que ele tenha uma melhor visão dos sentimentos e ações dos personagens. Essa nova linguagem formal (da câmera cinematográfica) permite visualizar detalhadamente os múltiplos objetos em cena de forma minuciosamente e cada vez mais real.

Quando se pensou que o cinema tinha alcançado sua essência como linguagem, este recebeu influências das tecnologias. As inovações tecnológicas favoreceram a ruptura dos esquemas de produção e expressivos tradicionais. O cinema conseguiu sair da supremacia da montagem para a profundidade do campo. Evidentemente que ela teve grande contribuição na transformação da linguagem cinematográfica, ainda que não venha a provocar a revolução estética que se verificou quando da passagem do cinema mudo para o sonoro. Entretanto, cumpre observar que as tecnologias se encontram, hoje, tão evoluídas, que provocam no espectador uma impressão de realidade antes impossível de ser verificada.

O filme *Cidade de Deus* é um grande exemplo dessas mudanças, desse novo jeito de fazer cinema. Este, ao ser lançado, causou grande repercussão na crítica internacional, além disso, promoveu o cinema brasileiro. Ele representa muito bem o surgimento dessa nova linguagem cinematográfica devido a sua técnica de filmagem e ao realismo das cenas. '*Cidade de Deus*' possui a maioria dos elementos do cinema comercial atual, com o seu discurso imagético, que apresenta uma estética visual fascinante e reflete o espectador moderno.



Elementos como direção, linguagem, videografia e montagem podem ser observados em cada cena, desde a inicial, na qual aparece a galinha correndo e flashes de uma faca sendo amolada, até o momento em que a gangue pára e aparece o personagem Buscapé, narrador da história, prestes a tirar uma foto da gangue. Esta cena tanto inicia quanto termina a narração, e a partir dela o espectador já tem em mente o que possivelmente virá pela frente. Os giros feitos com a câmera, para mudar de uma cena para outra, é outro recurso usado que nos remete à mudança de tempo, levando o espectador ao passado através de outra imagem que parece ser a mesma, porém, em épocas diferentes. Como é sabido, o filme retrata as décadas de 1960, 1970, 1980.

Ao assistirmos Cidade de Deus é notável a preocupação em fazer com que percebamos o pensamento criador por trás das imagens através da descrição de pessoas e situações narradas por Buscapé. O filme apresenta uma estrutura que explica a narração ironizada do próprio narrador, ao optar em não apresentar a estória de alguns personagens, ele utiliza a frase “Calma... aí é outra estória”, durante três momentos no filme: na estória da boca dos apês; no flashback que mostra a mudança de Dadinho para Zé pequeno; e a descrição de como ocorre o tráfico na favela.

Há vários outros momentos neste filme, em que os recursos cinematográficos são usados em função dessa nova estética, além da linguagem paralela. Afinal, não é por acaso que este filme teve grande repercussão nacional e internacional.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da discussão sobre estrangeirização e domesticação em legendas, torna-se evidente que ambas as abordagens desempenham papéis significativos na tradução audiovisual. A estrangeirização permite preservar a autenticidade cultural e linguística do material original, mantendo elementos distintivos que enriquecem a experiência do espectador. Por outro lado, a domesticação facilita a compreensão e a identificação do público-alvo ao adaptar referências culturais e linguísticas para um contexto mais familiar.



Embora ambas as estratégias tenham seus méritos, é importante reconhecer a necessidade de equilíbrio e sensibilidade cultural ao aplicá-las. Uma abordagem excessivamente estrangeirizada pode alienar o público-alvo, enquanto uma domesticação excessiva pode diluir a autenticidade e a singularidade da obra original. Portanto, os tradutores e legendadores enfrentam o desafio de encontrar o ponto ideal entre estrangeirização e domesticação, considerando sempre o contexto específico de cada produção e a expectativa do público.

À medida que a indústria audiovisual continua a se expandir globalmente, a compreensão dos conceitos e práticas profissionais de tradução, legendagem e dublagem tornam-se cada vez mais relevantes. A reflexão sobre as decisões de tradução e legendagem não apenas enriquece a qualidade do produto, mas também contribui para o diálogo intercultural e para uma apreciação mais profunda das nuances linguísticas e culturais presentes nas obras audiovisuais. Em última análise, a aplicação consciente e equilibrada de estrangeirização e domesticação podem enriquecer significativamente a experiência do público em todo o mundo.

REFERÊNCIAS

AGRA, Klody Lúcia de Oliveira. *A interação da língua e da cultura no processo de tradução*. 2007. Disponível em: <https://www.bocc.ubi.pt>. Acesso em: 01 jul. 2009.

BAKER, Mona. *In other words: a coursebook on translation*. London and New York: Routledge, 1992.

BOLTON, L. *A cultura da tradução: o impacto das tecnologias digitais na tradução audiovisual*. *Tradução e Cultura*, 4(2), 121-138, 2006.

CAMPOS, Geir. *O que é tradução?* São Paulo: Brasiliense, 1986.

CARVALHO, Carolina A.; FROTA, Maria P. (Orientadora). *A tradução para legendas: dos polissistemas à singularidade do tradutor*. 2005. Dissertação (Mestrado) — Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <http://www.scribatraducoes.com.br/dissertação>. Acesso em: 24 jul. 2009.



CASTRO, Marcele de Souza. *Tradução ética e subversão: desafios práticos e teóricos*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2007.

CHAGAR, R. Tecnologia e tradução audiovisual: novas fronteiras. In: *ESTUDOS DE TRADUÇÃO E TECNOLOGIAS*. São Paulo: Editora Unesp, 2016.

CIDADE DE DEUS. Direção: Fernando Meirelles. Produção: Walter Sales. Coprodução: Kátia Lund. Intérpretes: Matheus Nachtergaele, Seu Jorge, Alexandre Rodrigues, Leandro Firmino da Hora e outros. Roteiro: Braúlio Mantovani, baseado no romance de Paulo Lins. São Paulo: Video Filmes/O2 Filmes; Lumière/Miramax Films, 2002. 02 DVDs (135 min).

CINTAS, Jorge Díaz. *Audiovisual Translation Today – A Question of accessibility for all*. Translating today magazine, London, Issue 4, p. 03-05, julho, 2005.

CITY OF GOD. In: Internet Movie Database. Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0317248/>. Acesso em: 9 Ago 2011.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MACMILLAN, *English dictionary: for advanced learners of american english*. 5 ed. London: Macmillan, 2006.



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718

MARTIN, Marcel. *A linguagem cinematográfica*. Tradução de Mauro António; Maria Eduarda Colares. Lisboa: Dinalivro, 2005.

VENUTI, Lawrence. *Escândalos da tradução: por uma ética da diferença*. Tradução de Laureano Pelegrin, et al. Bauru: EDUSC, 2002.

VENUTI, Lawrence. *A invisibilidade do tradutor*. Tradução de Carolina Alfaro. Rio de Janeiro: Grypho, 1995.

XAVIER, Ismail. *A experiência do cinema: antologia*. Rio de Janeiro: Edições Graal: Embrafilmes, 1983.

CREDENCIAIS DA AUTORA

REVISTA ELITE- LICENÇA CREATIVE COMMONS: (CC BY-NC ND)



SANTANA, Dorian da Silva. Especialista em Tradução e Revisão de Textos em inglês (UNIMINAS), Especialista em Docência no Ensino de Inglês (UNIMINAS) Graduada em Letras – Inglês (UNEB). Coordenadora Pedagógica na Escola Moderna Integrada em Valente-Ba, E-mail: doriassantana@gmail.com.

